

TRILHA SENSORIAL: EXPERIMENTANDO POSSIBILIDADES VINCULADAS A SURDOCEGUEIRA

HENIANE PASSOS ALEIXO¹; THAÍS PHILIPSEN GRÜTZMANN²

¹ Universidade Federal de Pelotas – henianea@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – thaisclmd2@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho é um relato de experiência realizado na Escola Especial Professor Alfredo Dub, escola de surdos com uma proposta bilíngue, na cidade de Pelotas/RS. A atividade foi realizada na escola, em 2017, sendo um dos momentos das ações do Novembro Branco e Vermelho, onde aconteceram palestras, exposições, atividades referentes ao reconhecimento da Surdocegueira como uma condição única. Estas atividades ocorrem em todo o país na última semana de Novembro, e passaram a acontecer no Rio Grande do Sul (RS) a partir de 2016, quando foi solicitado aos integrantes do Grupo Brasil que residem no RS, para apoiar e organizar ações no sentido de divulgar a surdocegueira, suas classificações, causas, entre outros.

O Grupo Brasil de apoio ao Surdocego e Múltiplo Deficiente Sensorial é formado por entidades e pessoas físicas de todo país, tendo como integrantes pessoas com surdocegueira, familiares e profissionais, que tem o interesse em comum de divulgar a surdocegueira, informando, conscientizando, capacitando e implantando serviços, para que as pessoas com surdocegueira possam ter seus direitos respeitados, suas especificidades atendidas, assim como tornar suas vidas mais acessíveis na nossa sociedade.

A preocupação deste grupo é o não reconhecimento desta deficiência na sociedade, já que muitos acreditam que não há possibilidade de haver uma comunicação e interação com estes sujeitos. McInnes (1999, *apud* CADERNASCIMENTO; COSTA, 2010), diz que para classificar uma pessoa como surdocega é necessário que ela não tenha visão suficiente para compensar a perda auditiva ou, o inverso, não tenha audição suficiente para compensar a perda visual. Quando a pessoa atende a um ou a ambos os requisitos apontados, pode ser considerada surda-cega¹, com ou sem deficiências adicionais.

Desta forma, podemos dizer que sempre que houver a perda auditiva e visual concomitantemente ela é classificada como surdocegueira, independente do tipo de perda, que podem ser: surdocegueira total, surdez parcial com cegueira total, surdez parcial com baixa visão, baixa visão e surdez profunda. Sendo que a surdocegueira pode ser congênita quando a pessoa nasce com ela ou quando adquire antes da aquisição da linguagem, e adquirida quando o indivíduo a adquire ao longo da vida, e já é usuário de uma língua.

Existem diversas formas de comunicação para pessoas com surdocegueira, mas é necessário que seja feita uma avaliação para conhecer sua história, o grau

¹ Na época o termo utilizado era surdocego, porém a partir da Convenção da ONU, aprovada pelo Decreto Nº 6.949 de 2009, a atual nomenclatura convencionada e adotada pelo Brasil referente à deficiente é “Pessoa com Deficiência”. No texto será adotada a terminologia atual, pessoas com surdocegueira. A terminologia Surdocegueira passou a ser grafada sem hífen a partir de 1991, pois a surdocegueira não é a somatória da deficiência visual e da deficiência auditiva e sim uma condição única, que leva os indivíduos a interagir com o ambiente, pessoas, objetos de uma forma específica, precisando desenvolver formas de comunicação e locomover-se neste meio.

da perda, qual forma utilizada anteriormente para comunicação, para que se possa oferecer uma nova forma de comunicação que seja adequada ao sujeito. Desta forma, foi oferecido para os participantes do evento, o passeio por uma trilha sensorial, onde estes seriam privados (dentro do possível) dos dois sentidos: visão e audição e experimentariam diversas sensações pelo caminho organizado pelos oficineiros do evento.

2. METODOLOGIA

O evento foi aberto aos profissionais da área da educação, da saúde e da assistência social, e, também, aos familiares dos alunos da escola e a comunidade em geral. Ao chegar ao evento os participantes foram convidados a participar de uma Trilha Sensorial, onde na entrada eles deveriam colocar uma venda nos olhos, um protetor auricular para tentar privá-los destes sentidos. A orientação sobre a trilha foi passada antes de iniciar o percurso, e os guias foram orientados a não falar com os participantes. Somente poderiam tocá-los, para avisar de algo.

Os participantes eram guiados pelos monitores do evento, passariam por um corredor com muitos obstáculos, que eram tecidos pendurados no teto, bola de pilates no meio do corredor, cadeira, balões, entre outros, e fariam uma parada na primeira sala, onde deveriam aguçar seus sentidos do tato e do olfato.

Foram oportunizadas condições para exploração do ambiente, atenção e confiança no sujeito que estava guiando o participante da trilha. Foram oferecidos diversos estímulos sensoriais como odores e sensações diferentes para que eles pudessem perceber seus cheiros e texturas. Os materiais ficaram em cima de uma mesa grande em uma sala, em que os participantes fariam uma volta completa em torno da mesa, sendo intercalados os vasilhames que continham diferentes objetos para o tato e o olfato. Havia pedras, bolinha de isopor, casca de árvores, folhas, água, bolinhas de silicone, café, cravo, desinfetante, arruda, vinagre, entre outros (Figura 1).



Figura 1: Aguçando tato e olfato
Fonte: A pesquisadora, 2017

Na segunda sala eles deveriam tirar os calçados e caminhar por uma trilha, que oferecia sentir diversos objetos com os pés. Sendo eles: plástico bolha, pedras, algodão, lixa, tecidos, folhas de árvore, areia, água, entre outros (Figura 2).



Figura 2: Trilha
Fonte: A pesquisadora, 2017

Depois da passagem pelas trilhas, os participantes eram autorizados a retirar o protetor auricular e a venda, e preencher uma avaliação com suas sensações sobre o percurso realizado. Nesta avaliação continham as seguintes questões:

- 1) Como você se sentiu com a experiência da Trilha Sensorial?
- 2) Quais as dificuldades que você percebeu estando privado(a) de dois sentidos (visão e audição)?
- 3) Ajude-nos a aprimorar a trilha com sugestões.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com a execução da trilha foi possível perceber a insegurança dos participantes, tanto quanto o seu guia, quanto ao experienciar as sensações. Mesmo sendo orientados no início que teriam um guia junto deles que os estaria acompanhando pela trilha, que não havia nada que pudesse feri-los, eles mostraram-se inseguros e temerosos, andavam devagar, travando os pés e procurando segurar-se nas paredes para ter uma maior segurança. Os participantes mostraram medo ao tocar ou cheirar algumas das opções oferecidas, por não saberem o que estava ali. Foram realizando a trajetória devagar, tentando aos poucos sentir-se mais seguros, e os guias ficaram ansiosos e, em alguns momentos, tentavam apressar os participantes. Percebeu-se que ao tratar-se de uma deficiência tão complexa como a surdocegueira é necessário que todos tenham calma e aguardem o tempo de cada sujeito. O tempo de aprender, o tempo de colocar-se no mundo e interagir com ele.

Após, relataram sentir-se desnorteados e com medo em virtude da privação dos sentidos, sentindo dificuldades de saber onde estavam. Mas apreciaram a atividade por ter aguçado algumas sensações que não eram percebidas (ou valorizadas) no dia a dia, em função dos sentidos que possuíam.

Ao ser privado dos sentidos puderam ter uma noção, ainda que vaga, do que acontece com as pessoas que tem essa privação total ou parcial, precisando adaptar-se ao mundo e aprender a interagir e comunicar de outras formas.

4. CONCLUSÕES

A trilha sensorial foi pensada e organizada para ofertar a possibilidade de provação dos sentidos da audição evisão, de forma que o participante pudesse

ter diferentes sensações e emoções por meio de outros sentidos que são utilizados no nosso dia a dia.

Além disso, colocar-se no lugar do outro, neste caso, no lugar das pessoas com surdocegueira, e “vivenciar” suas limitações pode auxiliar a perceber o mundo a nossa volta de uma forma completamente diferente, mostrando as capacidades de cada um.

É fato que todos nós temos capacidades e potencialidades, provando a cada dia sermos capazes de realizar grandes feitos, desde que nos sejam dadas as oportunidades adequadas dentro das nossas limitações específicas. Assim, é necessário que a sociedade acredite nisto também quando se tratar de pessoas com surdocegueira ou qualquer outra deficiência.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CADER-NASCIMENTO, F. A. A. A.; COSTA, M. P. R. Da. **Descobrindo a surdocegueira: educação e comunicação.** São Carlos: EdUFSCar, 2010.